

CARLOS
WALLENSTEIN

obras completas
³ *teatro radiofónico*



EDIÇÕES
salamandra

02.11.12
WLA2, E3

Carlos Wallenstein

OBRAS COMPLETAS
3 – TEATRO RADIOFÓNICO

Organização de
Maria do Bom Sucesso Medeiros Franco

Introdução de
Eduardo Street


EDIÇÕES
salamandra

©Maria do Bom Sucesso F. Medeiros Franco

Capa: Renata Maia Arezes / Tripledesign

Fotocomposição, Paginação e Produção gráfica:

PUBLISAN - Publicidade e Serviços, Lda.

R. Pe João Rodrigues Ribeiro, 12C - 2000-184 SANTARÉM

Novembro de 2000

ISBN: 972-689-174-4

Depósito legal: 157 676/00

Todos os direitos desta edição reservados por:

EDIÇÕES SALAMANDRA, Lda.

Campo Pequeno, 50-2.ª eq.

1000-081 LISBOA

Distribuição:

SODILIVROS, Lda.

Rua de Campolide, 183-B - 1070-029 LISBOA

Telefones: 213 878 902/3; Fax: 213 876 281

Carlos Wallenstein

Escritor da Rádio

Carlos Wallenstein, escritor da rádio.

Como Brecht, Beckett, Dylan Thomas, Orson Wells...

Só que Wallenstein escreveu em Portugal. Num país em que o autor radiofónico estava para o escritor como o fotógrafo para o pintor. No entanto, o Carlos tem uma obra. Que percorre a história do teatro radiofónico. Do teatro radiofónico...

Este não surgiu como a pintura ou a música, espontâneo, natural. Tal como o cinema, nasceu de um invento, que no início não se sabia bem para que serviria. Foi preciso esperar por 1924 para que a peça "Maremoto", dos franceses Germinet e Gusy, demonstrasse as possibilidades do novo meio de comunicação. Depois, escritores, produtores e realizadores lançaram-se na aventura e a palavra, o som, o ruído e o silêncio criaram esse teatro em que os personagens são invisíveis e o cenário é criado pela imaginação dos ouvintes.

É evidente que o teatro radiofónico tem limites. O acontecimento real chega até nós através da ilusão. Ilusão que nos obriga a interpretar os "sinais" sonoros, a dar corpo às vozes, a vesti-los, a adivinhar as máscaras fisionómicas. Mas, ao contrário do teatro e do cinema, incluindo a televisão, a rádio oferece-nos a sensação de sermos o único espectador. Em nenhuma outra "arte do espectáculo" há tão íntima relação entre quem fala e quem ouve, entre o emissor e o receptor.

Seria ocioso recordar agora a sua evolução. Bastará dizer que de um evidente realismo, herdado do teatro e do cinema, com passos tonitruantes, portas que rangem e batem, passarinhos que chilreiam, o teatro da rádio

partiu para novas formas artísticas que privilegiam a palavra, o tratamento acústico e a música como personagem dramático.

Hoje, talvez seja a Alemanha com o "Horspiel", em que a arte e a técnica se conjugam, o país que mais tem avançado para uma total independência do teatro radiofónico da sintaxe do cinema e do teatro.

Em Portugal, a fase do realismo poucas vezes foi ultrapassada antes dos anos 90 e, entre as excepções, surge o Carlos Wallenstein.

Acompanhámos a sua carreira como actor, o seu voo como poeta, as ambições do dramaturgo, os sonhos que quis realizar na Gulbenkian e a sua criatividade como autor de peças para a rádio. Foi pois com alegria não isenta de emoção que soubemos da iniciativa de publicar os originais já transmitidos e, também, os inéditos.

Assim, perante o convite para escrever o prefácio do "seu teatro", aceitámos. Sabemos que outros melhor o podiam fazer, mas ninguém com o mesmo entusiasmo. Realizámos algumas das peças do Carlos Wallenstein e os anos não fizeram esquecer o trabalho comum, a luta para ultrapassar hábitos e fórmulas que só agora (!) a rádio venceu.

Com relutância, sugerimos a exclusão de alguns textos da selecção inicial feita pela maior e mais constante admiradora do Carlos – sua mulher – e, se o fizemos, foi nossa única preocupação realçar o percurso do escritor que, num meio hostil, intuiu a evolução da rádio.

Sem bases teóricas, sem o confronto com outras obras, Wallenstein intempORIZOU o seu teatro. Partindo da comédia romântica, tão habitual no "Teatro das Comédias" de Álvaro Benamor, abordou o teatro de Maeterlink, aflorou Ionesco, o expressionismo, o teatro épico.

Os textos do Carlos Wallenstein, nos anos 60 e 70 (!), evidenciam uma técnica narrativa que, mesmo quando entra no caminho da abstracção, constrói uma linguagem que o aproxima do intraduzível "Horspiel" alemão.

A propósito, recorde-se que na época em que o Carlos escrevia textos para o "Teatro de Ensaio", da ex-Emissora Nacional, Ingeborg Bachmann alcançava internacionalmente o sucesso com "O Bom Deus de Manhattan". Ingeborg morreu consagrada como uma brilhante escritora de rádio, Carlos Wallenstein ficou, imerecidamente, como um excelente actor que também escreveu...

Este livro será para muitos uma revelação. Cada peça identifica um dos muitos caminhos que o teatro radiofónico pode explorar. Até o da nostalgia das "Ilhas de bruma", onde o Carlos nasceu. E se a ironia, a caricatura, o duplo sentido são constantes, encontramos no "Requiem", que teve magníficas interpretações de Carmen Dolores e de Eunice Muñoz, uma notável qualidade dramática.

Quando relemos, e nalguns casos, lemos pela primeira vez estes textos, perguntámo-nos: onde poderia ter chegado o Carlos, se em Portugal existissem estúdios experimentais? Que diferença entre o Atelier de Création Radiophonique ou o BBC-Workshop e o estúdio da ex-E. N., onde perante alguns sorrisos se gravavam peças de Wallenstein...

Que este livro, tardio mas necessário, preste a homenagem merecida. A rádio, tão avara em reconhecer os seus maiores, tão pobre em publicações que contem a sua história, fica-lhe devedora de mais esta contribuição.

E, porque o teatro radiofónico é ilusão, catalizador da nossa criatividade, e a voz, o riso, a presença do Carlos aí está entre os seus personagens.

Eduardo Street
Setembro de 2000